

Barra e Liberdade já foram bairros bons de se viver

É um caminho sem volta. Com o Centro da cidade inteiramente tomado por imóveis, comércio e veículos chega a vez de violentar os bairros. Instalam-se bancos, livrarias, farmácias, escritórios, bares, lanchonetes, supermercados e tantos outros "serviços" e "desserviços". Ônibus, táxis e transeuntes ocupam os lugares antes destinados às cadeiras para o bate-papo em antigos fins de tarde, acabando-se, assim, mais um bairro residencial. Esse processo, gradativo e irreversível, está acontecendo em quase todos os bairros de Salvador e, mais acentuadamente, na Barra e Liberdade.

Não tem muito tempo, no máximo dez anos. A Barra, naquela época, era uma das zonas de veraneio que ainda ofereciam a tranquilidade buscada por quem vinha da cidade, do movimento da Rua Chile e arredores, do então reduzido mas já conturbado dia a dia de Salvador. Já era, de qualquer forma, um bairro residencial, com população formada por privilegiados "barões". Tráfego tranquilo, transporte fácil, convivência social bem selecionada, segurança para se ficar, moças de família no largo, até altas horas da noite, conversando na balaustrada. Bons tempos.

Ingênuo quem possa imaginar que isso duraria a vida toda. Mesmo porque, ninguém resiste aos encantos dessas ilhas de tranquilidade. Em primeiro lugar, instala-se — no caso específico da Barra — um banco, para maior comodidade desses seletos e tranquilos moradores. E o prenúncio do fim. Para o funcionamento do banco, lógico, vem os funcionários que, para a sua manutenção, exigem uma série outra de serviços. Se já existia farmácia, outras surgem. Lanchonetes, nem se fala. E não se pode, evidentemente, ficar o banco sem material de escritório, vamos abrir algumas livrarias. Esse pessoal todo não pode ficar sem condução. Os ônibus ficam lotados, os táxis expulsaram das calçadas as cadeiras e seus ocupantes, acabando com o tradicional bate-papo de todas as tardes, dos vizinhos que conheciam, e tinham prazer nisso, seus vizinhos. Pronto, acabou-se mais um bairro residencial.

TINHA TAMARINDOS

— Antigamente — conta o arquiteto Walter Gordilho, um dos mais antigos, e resistentes, moradores da Barra —, as famílias eram na maioria aparentadas, quando não do mesmo nível social. Havia realmente um espírito de comunidade. Tínhamos tempo e espaço para nos conhecermos, nos ajudarmos, nos divertirmos. Para os jovens, onde hoje é o Centro Comercial da Barra, existia a garagem do Esporte Clube Vitória, para seus remadores. Eles remavam aqui mesmo, em frente. Tínhamos também o bando da Barra, que os moradores se cotizavam e faziam eles mesmo as festas.

Walter Gordilho lembra quando vir à cidade era passeio, "apenas para comprar alguma coisa maior, mais supérflua, que não tinha no comércio daqui, já que o essencial sempre houve". Até bem pouco tempo, nem mesmos os grandes hotéis havia, eram casarios enormes, mansões e verdadeiras chácaras, como a de Clemente Mariani, o proprietário da maioria das propriedades. Até mesmo a tamarindeira dava frutos, que eram apreciados pela petizada desocupada.

No caso da Barra, as pessoas foram atraídas pela facilidade de vida que havia, pelas condições de segurança, pelo pouco movimento. Em outros bairros, porém, o processo se modifica. A Liberdade é um exemplo disso, e um exemplo de como varia o conceito de vida entre as pessoas, dependendo de sua condição financeira.



O morro Clemente Mariani é um oásis numa Barra densamente povoada, cheia de edifícios